

DOCÊNCIA NA PANDEMIA: SAÚDE MENTAL E PERCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO ON-LINE

TEACHING IN PANDEMIC: MENTAL HEALTH AND PERCEPTIONS ABOUT WORKING ONLINE
ENSEÑANZA EN PANDEMIA: SALUD MENTAL Y PERCEPCIONES SOBRE EL TRABAJO EN LÍNEA

Jackeline Maria Souza¹
Betânia Alves Veiga Dell'Agli²
Rodney Querino Ferreira da Costa³
Luciana Maria Caetano⁴

Resumo: Investigaram se as condições de trabalho docente na pandemia afetaram a saúde mental dos professores brasileiros quanto à depressão, ansiedade e estresse. Participaram do estudo 733 professores que lecionam em diferentes níveis de ensino, sendo 583 do sexo feminino. Foram utilizados um questionário com dados sociodemográficos, um *survey* com questões relacionadas à pandemia e a DASS-21 que avalia o estresse, a ansiedade e a depressão. Os instrumentos ficaram disponíveis nos meses de setembro e outubro de 2020. Todas as condições investigadas se mostraram presentes no cotidiano de 92% dos professores e correlacionaram positivamente com maiores escores de estresse, ansiedade e depressão. Os dados demonstraram que os participantes manifestaram discordância em relação ao trabalho on-line, piorando as condições de adoecimento mental, bem como revelaram a necessidade da ampliação do cuidado com a saúde mental do professor em período pandêmico.

Palavras-chave: Saúde mental, saúde do professor, COVID-19.

Abstract: They investigated whether the working conditions of teachers in the pandemic affected the mental health of Brazilian teachers in terms of depression, anxiety and stress. A total of 733 teachers who teach at different levels of education participated in the study, 583 of whom were female. A questionnaire with sociodemographic data, a survey with questions related to the pandemic and, the DASS-21 that assesses stress, anxiety, and depression were used. The instruments were available in September and October 2020. All conditions investigated were present in the daily lives of 92% of teachers and positively correlated with higher scores for stress, anxiety, and depression. The data showed that participants disagreed with online work, worsening the conditions of mental illness, as well as revealing the need to expand care for the mental health of teachers during a pandemic period.

Key-Words: Mental health, teacher health, COVID-19.

Resumen: Investigaron si las condiciones laborales de los docentes en la pandemia afectaron la salud mental de los docentes brasileños en términos de depresión, ansiedad y estrés. En el estudio participaron un total de 733 docentes que enseñan en diferentes niveles educativos, de los cuales 583 eran mujeres. Se utilizó un cuestionario con datos sociodemográficos, una encuesta con preguntas relacionadas con la pandemia y el DASS-21 que evalúa el estrés, la ansiedad y la depresión. Los instrumentos estuvieron disponibles en septiembre y octubre de 2020. Todas las condiciones investigadas estuvieron presentes en la vida diaria del 92% de los docentes y se correlacionaron positivamente con puntuaciones más altas de estrés, ansiedad y depresión. Los datos mostraron que los participantes no estaban de acuerdo con el trabajo en línea, empeorando las condiciones de enfermedad mental, además de revelar la necesidad de ampliar la atención a la salud mental de los docentes durante un período pandémico.

Palabras clave: salud mental, salud docente, COVID-19.

¹ Professora da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Petrolina, Petrolina, Pernambuco, Brasil. jackeline.souza1@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3402-3481>

² Docente do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino, São João da Boa Vista, São Paulo, Brasil. betaniadellagli@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-8805-2838>

³ Doutorando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. rodney@usp.br. <https://orcid.org/0000-0003-1149-5718>

⁴ Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. lmcaetano@usp.br. <https://orcid.org/0000-0003-2068-7375>

INTRODUÇÃO

A incidência da pandemia mundial da COVID-19 provocou uma reestruturação no modo de vida das pessoas, uma vez que, a principal forma adotada na maioria dos países para evitar a propagação do vírus foi o afastamento e o isolamento social de suas populações (SCHMIDT *et al.*, 2020; JIA *et al.*, 2020; WU, Chaominet *et al.*, 2020; WU, Joseph *et al.*, 2020). Além dos impactos econômicos, a situação global gerou na população em geral um aumento no número de pessoas com doenças mentais, tais como os transtornos ansiosos e depressivos (ORNELL *et al.*, 2020; BARROS *et al.*, 2020).

Assim, nossa proposta de pesquisa visa primariamente compreender como os professores têm vivenciado sua atividade profissional em tempos de pandemia e se essa experiência tem repercutido em sua saúde mental. O processo de adoecimento psíquico que o educador atravessa durante sua atuação profissional já era tema de interesse de pesquisadores e órgãos de classe, visto que, desde a década de 80 do século passado, a Organização Internacional do Trabalho (1984) considera a docência como profissão de risco. As altas taxas de adoecimento dessa população são explicadas em parte, pelo fato de a docência ser uma atividade que exige adaptação constante do profissional que a executa, pois este necessita lidar frequentemente com pessoas, sobretudo com aquelas que estão em processo de desenvolvimento físico e psicológico (Organização Internacional do Trabalho, 1984).

Dessa maneira, acreditamos que no período pandêmico atual estudos relacionados à saúde mental dos docentes mostram-se necessários, tendo em vista que com o adoecimento dos mesmos, a escola

como um todo adoce e sua função social – a formação de cidadãos para viverem em um regime democrático como o nosso – acaba não se concretizando. Portanto, a pergunta que sustenta a presente pesquisa é: qual o impacto que a pandemia da COVID-19 gerou na saúde mental dos professores?

Desse modo, investigamos se as condições de trabalho docente na pandemia afetaram a saúde mental dos professores brasileiros quanto à depressão, ansiedade e estresse. Hipotetizamos que, as novas formas de organização do trabalho ocasionada pela situação pandêmica atual tendam a infligir em seus corpos e mentes novos elementos estressores que, aliados aos que já existiam na prática docente, contribuem para um maior desgaste mental e, conseqüentemente, adoecimento psíquico.

COVID-19 E ADOECIMENTO MENTAL.

Infecções emergentes são doenças infecciosas que aumentam a incidência e a tendência de se espalharem rapidamente por várias regiões do planeta (ÇELIK; SAATÇI; EYÜBOĞLU, 2020) tal como estamos vivenciando atualmente com a COVID-19. A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 30 de janeiro de 2020, declarou essa doença como a sexta emergência de saúde pública de interesse internacional, após H1N1 (2009), poliomielite (2014), Ebola na África Ocidental (2014), Zika (2016) e Ebola na República Democrática do Congo (2019) (TAUBENBERGER; MORENS, 2020; PEER *et al.*, 2020) e posteriormente, em 12 de março de 2020, a declarou como pandemia (WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO, 2020). A COVID-19 é uma síndrome viral respiratória que tem como principais sintomas febre, tosse e falta de ar, podendo, em alguns casos levar a morte. O primeiro caso relatado do

vírus ocorreu na China em dezembro de 2019 e rapidamente se espalhou para outros países (SCHMIDT *et al.*, 2020). Após 18 meses do primeiro diagnóstico foram confirmados mais de 170 milhões de infectados pelo mundo e quase três milhões de mortes. No Brasil foram mais de 16 milhões de casos e cerca de 500 mil mortes (WHO, 2021).

Não existe tratamento alopático com resultados cientificamente reconhecidos para COVID-19 (WHO, 2021) e estamos vivenciando o início da imunização com a vacina no Brasil. As autoridades de saúde orientaram políticos e governantes a estabelecerem medidas de contenção com o objetivo de “achatamento” da curva de propagação da doença (ANDERSON *et al.*, 2020). As medidas de contenção mais adotadas de forma voluntária ou não na maioria dos países são: ficar em casa, ou isolamento social (JIA *et al.*, 2020; WU, Chaomin *et al.*, 2020; WU, Joseph *et al.*, 2020), distanciamento social quando em espaços públicos (LEWNARD; LO, 2020) e uso de máscaras (FENG *et al.*, 2020; HORWELL; MCDONALD, 2020). A adesão a tais medidas pode evitar a sobrecarga dos sistemas de saúde (GIORDANO *et al.*, 2020; KRAEMER *et al.*, 2020; MATRAJ; LEUNG, 2020).

Essas medidas provocaram uma reestruturação no modo de vida das pessoas. As reações mais frequentes nesse período são o medo (de contrair e doença e de infectar outras pessoas), a angústia, a solidão, a tristeza e a insônia, sendo que, dentre as doenças mentais se destacam a ansiedade e o estresse (SILVA; SANTOS; SOARES, 2020). Estudos revelam implicações psicológicas e psiquiátricas, provocando principalmente um aumento no número de pessoas com doenças mentais, tais como os transtornos ansiosos e depressivos (ORNELL *et al.*, 2020). Pesquisa brasileira

contando com mais de 45.161 participantes demonstrou que durante a pandemia, 40,4% das pessoas se sentiram frequentemente tristes ou deprimidos, e 52,6% frequentemente ansiosos ou nervosos; 43,5% relataram início de problemas de sono, e 48,0% problema de sono preexistente agravado (BARROS *et al.*, 2020).

A fim de evitar a perda do ano letivo as escolas – da educação infantil ao superior – precisaram mudar em um curto período de tempo seu projeto didático pedagógico para contemplar essa nova realidade: o ensino que antes era ministrado pelo professor presencialmente passou a ser ofertado pela modalidade on-line. Um dos desafios dessa adaptação foi o tempo, pois toda alteração de projeto pedagógico necessita de tempo para ser implantado, algo que o imediatismo imposto pela imprevisibilidade da pandemia não permitiu (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

Portanto, se os aspectos destacados anteriormente, como o medo de ser acometido pela doença, o isolamento social e as incertezas da pandemia, possuem potencial de gerar angústia e de afetar a saúde mental da população (SILVA; SANTOS; SOARES, 2020), pensamos que a profissão docente que já possuía anteriormente à pandemia um conjunto de fatores de risco desencadeadores de altos índices de adoecimento (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019), pode estar vivenciando dificuldades ainda ampliadas.

O ADOECIMENTO PSÍQUICO DO PROFESSOR

No caso dos professores o processo de adoecimento psíquico já era conhecido (Organização Internacional do Trabalho, 1984). Isso pode ser constatado, na medida em que, segundo dados do Departamento de

Perícias Médicas do Estado de São Paulo, no ano de 2018 ocorreram 53.162 afastamentos de professores da rede pública estadual devido à transtornos mentais e comportamentais. Esse número equivale a mais de 40% das licenças emitidas naquele ano, sendo a principal causa da ausência do professor no exercício de sua função (GIAMMEI; POLLO, 2019).

A incidência elevada de docentes da educação básica adoecidos psiquicamente foi verificada em diversos outros Estados como apresentados nos estudos de Baldaçara *et al.*, (2015), realizado em Palmas (TO); Ceballos e Santos (2015), em Jaboaão dos Guararapes (PE); Gasparini, Barreto e Assunção (2006), em Belo Horizonte (MG); Reiset *et al.* (2005), em Vitória da Conquista (BA); Souza *et al.* (2011), em Salvador (BA); Tibúrcio e Moreno (2009), em Tubarão (SC) e Valle (2011), em Poços de Caldas (MG).

Utilizando como principal ferramenta de coleta de dados o próprio relato dos professores, pesquisadores da temática descrevem os principais fatores que explicam o adoecimento docente: desvalorização social da profissão (COSTA, 2014; INOCENTE, 2005; SIMPLÍCIO; ANDRADE, 2011); baixos salários (INOCENTE, 2005; SIMPLÍCIO; ANDRADE, 2011); indisciplina dos estudantes (CODO, 1999; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; SIMPLÍCIO; ANDRADE, 2011; SOUZA; COSTA, 2011); ações violentas praticadas por educandos e pais em relação aos docentes (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; SIMPLÍCIO; ANDRADE, 2011); sobrecarga de funções, como a de organização dos materiais, elaboração das aulas e correções das lições e provas (CARRARO, 2015; CODO, 1999; ELIAS, 2014; FERREIRA *et al.*, 2015; REIS *et al.*, 2005; SOUZA *et al.*, 2011); ambiente físico e materiais inadequados para o exercício da

docência (CODO, 1999; FERREIRA *et al.*, 2015; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; SILVA, E. P. 2015; SOUZA; COSTA, 2011; SOUZA *et al.*, 2011); ausência de união entre os educadores (SILVA, E. P. 2015; SIMPLÍCIO; ANDRADE, 2011; SOUZA *et al.*, 2011); falta ou dificuldade de diálogo com a direção e a coordenação pedagógica da escola (CARRARO, 2015; CODO, 1999; ELIAS, 2014; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; SIMPLÍCIO; ANDRADE, 2011).

Corroborando essa relação com o agravamento do estado mental dos educadores, Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2018) verificaram que professores que vivenciavam essas características mais intensamente em sua rotina de trabalho apresentavam níveis maiores de sintomas ansiosos e/ou depressivos. Portanto, no caso desses profissionais, a manifestação de doenças mentais ocorre em decorrência do desgaste ocasionado pela dinâmica do trabalho (SELIGMANN-SILVA, 2011; VICENTE, 2015).

Desgaste pode ser definido como a perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica resultante do processo de adaptação dos trabalhadores frente às demandas e interações decorrentes de suas funções (LAURELL; NORIEGA, 1989; SELIGMANN-SILVA, 2011). Assim, além da singularidade observada no processo de ensino-aprendizagem de cada aluno, as exigências do magistério obrigam o professor a enfrentar desafios que, muitas vezes, excedem suas funções na escola ou suas capacitações construídas ao longo de sua formação (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2018).

A constante necessidade de adaptações para responder às demandas características da profissão docente (OIT, 1984) ampliaram-se de modo significativo na pandemia, pois

como consequência das normas de contenção, a maioria dos estudantes ao redor do mundo foi afetada pela pandemia com a suspensão das aulas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO, 2020). Os docentes precisaram por força da urgência, em um curto espaço de tempo, reaprender/refazer sua forma de acesso aos estudantes, encaminhar atividades e acompanhar de modo mais individual a trajetória de cada um (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

Com relação a própria COVID-19, podemos citar as incertezas com relação a sua duração e seu impacto na saúde do doente, bem como o medo da pessoa ou alguém próximo de contrair o vírus (ASMUNDSON; TAYLOR, 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020). Referente ao período de quarentena, são fatores de risco os temores referentes ao desemprego, a dificuldade de adaptação às novas rotinas, a privação de atividades de lazer e a falta de contato social presencial (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Em meio às manifestações de adoecimento decorrentes do desgaste mental, destacam-se, entre outros, os transtornos ansiosos e depressivos (VICENTE, 2015). Os transtornos depressivos são uma categoria de doenças que afetam prioritariamente o humor e os afetos, cujos principais sintomas são a manifestação persistente e contínua de tristeza ou irritabilidade e a perda do interesse e do prazer na realização de quase todas as atividades. Os transtornos de ansiedade, por sua vez, decorrem de uma alteração nos mecanismos psíquicos responsáveis pela identificação de estados vulneráveis a situações potenciais de perigo. Assim, preocupações e medos ocorrem de forma inespecífica ou desproporcional a situação.

Tais doenças geram sofrimento e impedem o sujeito de vivenciar sua existência em pelo menos um campo importante de sua vida: escolar, trabalho, familiar, dentre outros (DALGALARRONDO, 2018; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA, 2014).

O estudo dessas patologias, mostra-se relevante na medida que verificamos que, em pesquisas onde se investigou os diagnósticos de afastamento médico dos docentes devido doença mental, foi observado a prevalência de transtornos ansiosos e depressivos (SILVA, 2015). Além disso, estudos recentes sobre o impacto da pandemia na saúde mental da população chinesa apresentaram dados que mostram grande incidência de ansiosos e depressivos entre os habitantes (SCHMIDT *et al.*, 2020; WANG *et al.*, 2020).

Acreditamos que esteja ocorrendo o mesmo na realidade brasileira, com o agravante que, no caso dos professores, há pesquisas que comprovam que a taxa de ansiosos e depressivos nesse grupo é maior do que a média da população geral (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2018; INOCENTE, 2005).

MÉTODO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de relação de abordagem quantitativa.

PARTICIPANTES

Os critérios para participar do estudo foram atuar como professor há pelo menos dois anos e como critério de exclusão foi ter sido diagnosticado com algum estado de adoecimento psíquico no momento anterior à pandemia. Seguindo esses critérios, participaram da pesquisa um total de 733 professores que lecionam em diferentes

níveis de ensino, a saber: 179 de educação infantil (24%); 182 de ensino fundamental I (25%); 45 professores especialistas (6%); 209 de ensino fundamental II (29%); 152 de ensino médio 152 (21%); 159 (22%) de ensino superior, sendo que desses, 79% eram do sexo feminino (583) e 21% do sexo masculino (150); 39% eram professores de rede privada (282) e 61% de rede pública (451). Quanto à pergunta se lecionavam em mais de um nível de ensino, 77% professores lecionam em apenas um nível de ensino (568), e 23% lecionam em mais de um nível (165).

A idade dos professores variou de 20 a 69 anos ($M = 41,7$ ano; $DP = 9,9$). Com relação à religião, 59% professores se auto denominaram cristãos, católicos ou evangélicos (432); 12% espíritas (90); 4% participantes se declararam de religião afro-brasileira (31), 1% de religião oriental (9); 22% afirmaram não ter religião (160) e ainda 2% professores (11) marcaram mais de uma opção. Com relação à renda dos participantes encontramos: um salário mínimo: 1% (9); entre dois e três: 23% (169); entre três e cinco: 29% (214); entre cinco e sete salários: 23% (165); mais de sete: 24% (176).

INSTRUMENTOS

Os seguintes instrumentos foram utilizados para a caracterização dos participantes: duas questões com os critérios de inclusão e exclusão definidos para o estudo (atuar como professora há pelo menos 2 anos e não ter qualquer transtorno psiquiátrico antes da pandemia). As respostas foram dadas em sim ou não. Para acessar os dados sociodemográficos foi elaborado um questionário pelos pesquisadores contendo 7 questões: gênero, idade, raça/etnia religião, renda familiar, nível de ensino que leciona e tipo de escola. As respostas foram baseadas

no questionário sociodemográfico elaborado pela UNESCO para verificar o perfil do professor brasileiro (GATTI; BARRETO, 2009).

Para investigar as condições laborativas docentes na pandemia, os pesquisadores elaboraram um *survey* subdividido em duas partes. A primeira parte dizia respeito a um levantamento com três questões sobre pandemia: opinião sobre a pandemia, a adesão ao isolamento social e o quanto a pandemia afetou a renda do professor. A segunda parte continha 4 questões sobre a percepção do professor sobre atuação docente on-line: opinião sobre as propostas de aula on-line do MEC; nível de conforto em relação à realização das aulas on-line; tipos de dificuldades vivenciadas para a realização das aulas on-line; avaliação sobre a quantidade de tempo de trabalho dispendido na docência on-line em comparação ao ensino presencial.

E, por fim, a *Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form (DASS)* elaborada por Lovibond e Lovibond em 1995. Essa escala foi utilizada com o intuito de medir e diferenciar os sintomas de estresse, ansiedade e depressão. Ela agrupa esses sintomas em 21 perguntas sobre três estruturas básicas: (a) presença de afeto negativo, humor deprimido, insônia, desconforto e irritabilidade, sintomas que englobam tanto a ansiedade quanto a depressão; (b) fatores que são sintomas específicos da depressão e (c) fatores que são sintomas específicos da ansiedade. Esta escala foi adaptada e validada no Brasil por Vignola e Tucci (2014).

As autoras informam que este instrumento envolve um modelo teórico que discrimina adequadamente sintomas de estresse, ansiedade e depressão, o que não ocorre tão bem com outros instrumentos e foi traduzida e adaptada para diversos países

e para diversas faixas etárias. Na DASS-21, os participantes apontam o grau de intensidade dos sintomas descritos em cada item da escala durante a semana anterior. É uma escala do tipo Likert de 4 pontos, sendo 0 (não se aplicou de maneira alguma) e 3 (aplicou-se muito, ou na maioria do tempo). Depressão, ansiedade e estresse são indicados pela soma dos escores dos 21 itens.

Cada subescala contém sete itens para avaliar o estado emocional de depressão, ansiedade e estresse. No estudo de validação, todas as subescalas tiveram níveis adequados de consistência interna, sendo 0,92 para depressão; 0,90 para estresse; 0,86 para ansiedade. No que se refere à medida de confiabilidade da estrutura fatorial, as autoras encontraram valores aceitáveis sendo 0,86 estresse, 0,83 ansiedade e 0,90 depressão. O escore é obtido pela soma dos itens em cada subescala e para calcular o escore final o total de cada subescala é multiplicada por 2. Nesse estudo trabalhamos apenas com os escores de estresse, ansiedade e depressão separadamente.

PROCEDIMENTO

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP, sob o número CAAE 35356120.2.0000.5561. Portanto, essa pesquisa está embasada nos parâmetros éticos descritos na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A coleta de dados aconteceu via formulário on-line e o mesmo esteve disponível durante um mês e dez dias (setembro e outubro de 2020), com novas divulgações para recrutar participantes a cada semana. A divulgação e convite para

participar da pesquisa aconteceu via mídias sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram) enviando um link do Google Forms contendo os instrumentos da pesquisa. Utilizamos a técnica “bola de neve” (VINUTO, 2014) na qual o participante além de responder o questionário também era convidado a divulgar para outros sujeitos que atendessem aos critérios de inclusão e exclusão do estudo.

No formulário constava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na primeira página. O participante só poderia avançar ao clicar na opção: “li, desejo participar da pesquisa e estou de acordo com o conteúdo descrito nesse termo”, que significava a concordância com a participação no estudo e possibilitava a continuidade do acesso às questões. Foi solicitada, de forma optativa, a inserção do e-mail para o envio da devolutiva coletiva do estudo.

Para análise dos dados, foram utilizados recursos da estatística descritiva e inferencial com o auxílio do software estatístico SPSS. A partir da análise descritiva foram realizadas análises a partir da média, frequência e porcentagem das respostas e para verificar a associação entre as diferentes variáveis foram realizados o teste T de comparação de médias entre dois grupos e o teste de correlação de Pearson.

RESULTADOS

Investigando a opinião dos professores brasileiros acerca da pandemia pela COVID-19, 20% desses profissionais responderam ser essa problemática real e grave; 4% descreveram esse problema como sendo de gravidade moderada e somente 1% da amostra se distribuiu entre a opinião de que essa pandemia possui pouca gravidade (0,7%) ou emitiram uma avaliação de que

esse momento atual não pode ser caracterizado como um problema real (0,3%). Apoiando-se nessa avaliação, 86% dos participantes do estudo relataram que durante o período da pesquisa estavam saindo de casa apenas para atividades consideradas essenciais, tais como compras em supermercado, farmácia e acesso a serviços de saúde. Ainda em relação ao afastamento social, 5% seguem em afastamento social total e 9% dos professores informaram que embora se mantenham tendo contatos sociais, esses estão menos frequentes. Apenas 0,3% da amostra informou que seus contatos sociais presenciais permanecem exatamente como antes das medidas de quarentena.

Os participantes dessa pesquisa formam um grupo de professores brasileiros de diferentes regiões do país que estão atuando de forma remota em virtude das medidas de afastamento social impostas pela necessidade de conter a contaminação por COVID-19. Apesar de toda amostra estar atuando nesse modelo virtual, 65% dos professores manifestaram-se contrários a esse formato de ensino. Os demais demonstraram-se favoráveis (35%).

Todavia, apesar da maioria não concordar com esse formato de ensino, 29% da amostra relatou ter gostado dessa oportunidade em virtude da aprendizagem possibilitada por essa nova condição de fechamento das escolas e migração para aulas on-line, no contexto nacional. A maioria dos professores (51%) relataram dificuldades no início do processo, mas no momento da pesquisa já se descreveram como adaptados ao novo cenário. Porém, apesar de estar a mais de sete meses nessa condição, 20% dos docentes ainda relatou desconforto na sua atuação profissional remota.

As condições adversas enfrentadas pelos professores nessa migração das aulas presenciais para as plataformas virtuais são diversas e vivenciadas por 92% dos professores brasileiros. Essas dificuldades englobam desde condições materiais e informacionais a conflitos na dimensão das relações interpessoais. Dentre essas condições adversas destacam-se as dificuldades em pensar uma didática adequada para as aulas on-line (53%) e as dificuldades inerentes à preocupação em decorrência do não acesso dos alunos às atividades (51%), sendo essa mudança abrupta e não planejada dos ambientes de ensino, reconhecidamente difícil tanto para professores quanto alunos. As demais dificuldades mencionadas pelos professores estão sintetizadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência e porcentagem de professores que relataram dificuldades na atividade docente durante a pandemia.

	<i>f</i>	%
Não teve nenhuma dificuldade	60	8
Dificuldade em pensar uma didática adequada para o espaço virtual	390	53
Dificuldade em virtude do não acesso dos alunos(as)	373	51
Dificuldade de ficar à vontade na frente das câmeras	304	42
Dificuldade por ter um conhecimento limitado sobre programas e manuseio das plataformas digitais	273	37
Dificuldade material, como internet e computador de qualidade	250	34
Dificuldade de trabalhar em casa	245	33
Dificuldade no relacionamento com os pais	86	12
Dificuldade no relacionamento com coordenação/direção	80	11

Fonte: elaborada pelos autores com dados da pesquisa

Essas dificuldades vivenciadas pelos professores estiveram associadas ao aumento nas condições de depressão, ansiedade e estresse (Tabela 2). O teste T evidenciou que os professores que relataram não ter enfrentado nenhuma dificuldade nesse processo de inserção nas aulas virtuais apresentaram menores níveis de depressão, ansiedade e estresse quando comparados à maioria dos professores que vivenciaram dificuldades nesse processo ($p < 0,05$). Em

contraposição, a vivência de todas as dificuldades identificadas nesse estudo esteve associada a maiores níveis de depressão, ansiedade e estresse, com exceção daqueles que relataram um conhecimento limitado sobre os ambientes virtuais. Essa variável apresentou relação apenas com maiores níveis de ansiedade, mas não com depressão e estresse.

Tabela 2 – Escores médios dos fatores de depressão, ansiedade e estresse e a comparação dessas medidas em função das dificuldades relatadas pelos professores brasileiros.

		Depressão			Ansiedade			Estresse		
		Média	T	p	Média	T	p	Média	T	P
Enfrentou dificuldades	Não	0,50	3,78	0,000	0,36	4,80	0,000	0,66	7,24	0,000
	Sim	0,83			0,72			1,25		
Dificuldade na didática	Não	0,67	-4,63	0,000	0,59	-3,49	0,000	1,02	-6,03	0,000
	Sim	0,92			0,78			1,35		
Dificuldade pelo não acesso dos alunos	Não	0,73	-2,76	0,006	0,63	-2,25	0,025	1,11	-3,12	0,002
	Sim	0,88			0,75			1,29		
Dificuldade por trabalhar em casa	Não	0,70	-5,09	0,000	0,61	-4,34	0,000	1,09	-5,35	0,000
	Sim	1,01			0,87			1,42		
Dificuldade material	Não	0,72	-4,27	0,000	0,60	-4,82	0,000	1,10	-4,84	0,000
	Sim	0,97			0,89			1,40		
Conhecimento limitado sobre ambiente virtual	Não	0,78	-1,09	$p > 0,05$	0,64	2,34	0,02	1,17	-1,41	$p > 0,05$
	Sim	0,84			0,78			1,25		
Dificuldade com as câmeras	Não	0,73	-3,06	0,001	0,62	-3,14	0,001	1,12	-3,15	0,001
	Sim	0,90			0,79			1,31		
Dificuldade de relacionamento com os pais	Não	0,76	-4,21	0,001	0,66	-3,41	0,001	1,17	-3,01	0,001
	Sim	1,11			0,98			1,43		
Dificuldade no relacionamento com os coordenadores	Não	0,76	-4,51	0,000	,66	-2,85	0,000	1,16	-3,75	0,000
	Sim	1,15			,93			1,50		

Fonte: elaborada pelos autores com dados da pesquisa

Para além das dificuldades materiais, informacionais ou de relacionamento, os professores enfrentaram o fato de atuarem em um formato de ensino com o qual além de não se sentirem preparados tecnicamente

(53%), também não concordavam (65%) – pelo menos não concordavam com a forma como isto foi implantado e executado nesse momento. Essa atuação profissional contrária à concordância também esteve associada

com maiores níveis de estresse [$t(731) = 4,26; p = 0,000$], ansiedade [$t(731) = 2,51; p = 0,012$] e depressão [$t(731) = 3,43; p = 0,001$]. Ou seja, quando comparadas os escores desses fatores da escala, os professores que afirmaram não concordar com esse formato de ensino apresentaram índices maiores de estresse, ansiedade e depressão, quando comparados aos que afirmavam concordar com o formato de ensino no qual estavam atuando.

Essas dificuldades e a busca pela resolução desses problemas demandaram dos professores mais horas de trabalho, o que foi relatado por 86% dos docentes. Uma minoria, 9%, descreveu que está trabalhando menos tempo do que antes e, para 5% da amostra, não houve diferença em relação à quantidade de horas trabalhadas em virtude da pandemia. Apesar desse aumento na quantidade de horas ser um dado relevante sobre a atuação do professor brasileiro durante a pandemia, vale destacar que esse dado não esteve correlacionado com diferenças na saúde mental em termos de níveis de estresse, ansiedade e depressão ($p > 0,05$).

Tal como a carga horária de trabalho, atuar em mais de um nível de ensino não foi uma variável associada a maiores ou menores níveis de ansiedade, estresse e depressão ($p > 0,05$). No que tange à comparação entre professores da rede pública ou privada de ensino, não foi observada diferença significativa entre os níveis de depressão e ansiedade entre esses dois grupos ($p > 0,05$). Contudo, observou-se um maior nível de estresse entre professores da rede privada ($M = 1,33; DP = 0,79$) quando comparados aos professores da rede pública de ensino ($M = 1,12; DP = 0,74$), [$t(541) = -1,01; p = 0,027$].

Os dados da pesquisa demonstraram ainda que embora 46% dos professores tenham relatado uma diminuição na renda familiar durante o período da pandemia, entre a maioria dos professores (52%) não houve alteração na sua renda familiar. Um número menor (3%) relatou um aumento da renda nesse período. Embora seja observada essa diminuição na renda em um número considerável de participantes, esse dado não esteve associado com o nível de estresse entre professores. No que tange às demais variáveis de saúde mental mensuradas nesse estudo, houve uma correlação negativa, porém fraca entre, a renda e os níveis de ansiedade ($r = -0,120; p < 0,05$) e depressão ($r = -0,128; p < 0,05$), demonstrando que quanto menor a renda, maior os escores dos participantes nas escalas de ansiedade e depressão.

DISCUSSÃO

Os professores que compuseram a presente amostra consideram a pandemia como um problema real e afirmam estar realizando o isolamento social. Porém, pessoas que precisaram respeitar a quarentena apresentaram maiores prevalências de depressão e de ansiedade, comparadas aos não afetados pela medida (BARROSet *al.*, 2020). No caso dos professores, além de vivenciarem a pandemia como quaisquer outras pessoas e profissionais, precisaram reorganizar a sua atuação profissional. Apesar de existir no Brasil documentos governamentais de orientação sobre o trabalho nos tempos de pandemia e leis que flexibilizam as relações de trabalho para uma melhor adaptação, ainda existe entre os trabalhadores sentimento generalizado de insegurança (PIMENTEL; SILVA, 2020).

No caso dos professores, a maioria deles nessa amostra (65%) afirmou não concordar com a transição do ensino presencial para o ensino remoto, e, tais professores que relataram insatisfação e dificuldades para desenvolver e efetivar o ensino remoto, também apresentaram escores maiores de ansiedade, depressão e estresse, quando em comparação aos professores que viram a pandemia como uma oportunidade para aprender sobre educação à distância.

A questão da insatisfação do professor com suas condições de trabalho é percebida por uma parcela grande de docentes que, por não estarem felizes com sua profissão, têm afetada a sua saúde mental (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2018). Um conjunto de pesquisas anterior à pandemia têm chamado a atenção para o fato de que muitos professores não conseguem realizar os seus desejos e expectativas ao se formar professores, sendo que essa insatisfação profissional mostra relação com o adoecimento mental dos professores (ELIAS, 2014; GOMES, 2009; JACARANDÁ, 2008; PAPARELLI, 2009; SIMPLÍCIO; ANDRADE, 2011; SILVA, 2015).

Todas essas pesquisas revelaram que quando o professor realiza um trabalho que lhe causa descontentamento, essa situação tende a gerar comportamentos estressados e ansiosos, o que pode explicar os resultados que encontramos frente à necessidade que o professor enfrentou ao ter que rapidamente, e sem experiência transformar o ensino presencial em ensino remoto, apesar de não concordar com essa forma de ensino. A questão é que os momentos críticos que constituem a pandemia fazem aflorar e ampliar os sentimentos de tensionamento das forças e das fraquezas, dos limites e das possibilidades enquanto docente, ao mesmo

tempo que o ensino remoto é uma possibilidade diante do caos da perda do ano letivo, mas está muito distante do ideal de trabalho pedagógico e educativo (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

As variáveis que já contribuíam para o adoecimento docente antes da pandemia eram jornada de trabalho, acúmulo de funções, baixos salários, falta de estrutura adequada, problema de relacionamento com alunos e pais, o dinamismo da sala de aula (DEFFAVERI; MÉA; FERREIRA, 2020). No caso de nosso estudo, as dificuldades assumidas por 92% dos professores no caso da transformação do ensino presencial para o remoto, foram, principalmente a dificuldade em pensar uma didática adequada para o espaço virtual e a dificuldade em virtude do não acesso dos alunos (as).

Um estudo realizado com Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, revelou que como a prática pedagógica recorrente na maioria dessas instituições era realizada presencialmente, talvez não se tenha estimulado os professores à alfabetização digital, ao domínio de técnicas, às tecnologias, às metodologias e às estratégias de ensino que promovessem uma autonomia, um empoderamento e uma autodeterminação do estudante em relação aos estudos na EaD (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020). Pensamos que, essa seja a realidade não apenas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, mas, das principais universidades públicas desse país, além da escola de educação pública e privada, uma vez que a ausência de didática apropriada e o não acesso dos alunos foram apontados como as duas principais dificuldades enfrentadas pelos professores de nossa amostra.

Os participantes ainda relataram dificuldade de ficar à vontade na frente das

câmeras, dificuldade por ter um conhecimento limitado sobre programas e manuseio das plataformas digitais, dificuldade de material como internet e computador de qualidade, dificuldade de relação com os pais de alunos e coordenadores e dificuldade por trabalhar em casa. No caso dessa última variável, estudos revelam que o ambiente doméstico pode contribuir ou prejudicar na adaptação às novas rotinas de trabalho e estudo. A relação pessoa-ambiente interfere significativamente nas atividades desenvolvidas no cotidiano das pessoas (SILVA; SANTOS; SOARES, 2020).

Com relação às dificuldades de relacionamento com os pais e, principalmente com os coordenadores, esses problemas já eram apontados por professores em pesquisas anteriores à pandemia (CARRARO, 2015; CODO, 1999; ELIAS, 2014; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; SIMPLÍCIO; ANDRADE, 2011), como desencadeadores do adoecimento psíquico do professor, todavia, a situação de lecionar no modo remoto, expôs ainda mais o professor. O clima de incerteza comum em situações pandêmicas tende a gerar medo na população. O medo, por sua vez, aumenta os níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existentes (ORNELL *et al.*, 2020). No caso do professor, esse medo ampliou-se com a exposição do seu trabalho de um modo jamais vivenciado, além da situação de vulnerabilidade diante das câmeras, dos pais, dos alunos e dos superiores.

Desse modo, não é nenhuma surpresa constatar que a vivência de todas essas dificuldades tenha correlacionado com maiores escores de ansiedade, estresse e

depressão em nossa amostra de professores. Os estudos apontam que na população geral houve elevação dos níveis de ansiedade e de estresse em indivíduos saudáveis e potencializou os sintomas já existentes em pessoas com transtornos psíquicos pregressos. Isso fez com que aumentasse também o risco de suicídio (MOREIRA; SOUSA; NÓBREGA, 2020).

Por outro lado, o fato de admitirem estarem trabalhando mais não se configurou como uma variável que teve associação com o adoecimento psíquico do professor durante a pandemia. Esse dado corrobora com o estudo que investiga dimensões da educação a distância de Institutos Federais, em tempos de pandemia, no qual os professores também se queixaram de uma maior demanda de trabalho, motivada pela necessidade pouco refletida da transmissão de conteúdos (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

Outra variável que não mostrou associação com aumento do nível de estresse, ansiedade e depressão foi o fato dos professores trabalharem em mais de um nível de ensino. Por outro lado, os professores que atuam em escolas privadas mostraram maior nível de estresse. Os professores que trabalhavam tanto na rede pública quanto privada apresentaram pontuações maiores nos instrumentos de ansiedade e de estresse em outra pesquisa, cuja hipótese explicativa levantada seria o acúmulo maior de atribuições (DEFFAVERI; MÉA; FERREIRA, 2020). No caso de nosso resultado, a hipótese que levantamos está relacionada à ausência de estabilidade profissional na rede privada, bem como a pressão dos mantenedores transferida aos professores para não perderem os alunos/clientes.

A diminuição da renda foi a variável sociodemográfica que também se mostrou associada com índices mais altos de estresse e ansiedade, o que pode ser facilmente explicada pela história de dificuldade salarial dos professores (COSTA, 2014), aliada a todas as incertezas e inseguranças causadas pela pandemia (SILVA; SANTOS; SOARES, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O adoecimento docente é uma realidade que não deve ser negada ou negligenciada. Essa condição experienciada pelo professor já trazia preocupações antes da pandemia causada pela COVID-19. As dificuldades desencadeadas pela insegurança que a pandemia mundial gerou nas pessoas, somadas às demandas de transformar às pressas o ensino presencial em ensino remoto, mostraram-se como fatores que desencadearam a tendência ao adoecimento psíquico dos professores brasileiros. Todas as dificuldades investigadas se mostraram presentes no cotidiano de 92% dos professores que participaram de nossa pesquisa e também se mostraram relacionadas com uma tendência a desencadear maiores escores de estresse, ansiedade e depressão neles.

Entretanto, o que mais chamou a atenção nessa pesquisa foi o fato de o professor revelar a sua discordância em relação ao trabalho on-line, mostrando que, quando alguém realiza uma atividade com a qual não concorda, ou seja, quando precisa desenvolver um trabalho em um formato no qual não acredita, essa situação amplia condições de adoecimento mental. Além disso, metade dos professores revelou a preocupação por não possuir uma didática adequada para a realização do ensino on-line, assim como, esse mesmo percentual de

professores demonstrou também a preocupação com o fato de que uma parte de seus alunos não têm acesso às suas aulas.

Assim as condições laborativas docentes na pandemia afetaram a saúde mental dos professores brasileiros, na medida em que se trata de condições laborativas com as quais os professores não concordam e que se manifestam em um conjunto de dificuldades que ampliam o estresse, a ansiedade e a depressão. Ainda que existam professores que vivenciaram uma oportunidade de aprendizagem com a demanda que a pandemia lhes trouxe, há um grupo de professores que afirma ainda não se considerar adaptado ao formato on-line.

Uma vez que, não se sabe ainda por quanto tempo as aulas on-line se manterão como formato possível de escolarização de crianças, adolescentes e adultos, essa condição laborativa experienciada pelo professor traz dados importantes, ao se pensar que, mesmo quando for possível a ampliação do retorno às aulas presenciais, não se deve negligenciar a saúde do professor. A sua integridade física e mental é absolutamente necessária e o professor enfrentará novas demandas para a realização da readaptação dos alunos ao contexto educacional, depois de terem ambos, professores e alunos vivenciado o isolamento social e confinamento.

Consideramos que o critério de exclusão dos professores diagnosticados com algum estado de adoecimento psíquico no momento anterior à pandemia, foi necessário para atender ao objetivo da presente pesquisa. Portanto, os participantes dessa pesquisa se auto relataram saudáveis antes da pandemia. Logo, seria importante realizar estudos que investigassem também professores que tiveram diagnóstico de alguma forma de adoecimento mental, afim

de verificar se houve ou não a ampliação do adoecimento dessa amostra que não foi considerada pelo presente estudo.

Como outra sugestão de estudos futuros consideramos importante investigar quais fatores individuais se correlacionam com professores saudáveis, ou seja, se as condições laborativas dos professores representam um contexto com tendência ao adoecimento, seria muito importante identificar fatores protetivos. Desse modo, procuramos investigar qual tipo de relação existe entre o bem-estar dos professores que mesmo diante de um contexto adverso de isolamento social e mudanças na sua atuação profissional consegue se manter saudável.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Artmed Editora, 2014.
- ANDERSON, Roy M.; HEESTERBEEK, Hans; KLINKENBERG, Don; HOLLINGSWORTH, Déirdre. How will country-based mitigation measures influence the course of the COVID-19 epidemic?. *The Lancet*, v. 395, n. 10228, p. 931-934, 2020. DOI: 10.1016/S0140-6736(20)30567-5
- ASMUNDSON, Gordon J. G.; TAYLOR, Steven. Coronaphobia: Fear and the 2019-nCoV outbreak. *Journal of Anxiety Disorders*, v. 70, p. 102196, 2020. DOI: 10.1016/j.janxdis.2020.102196
- BALDAÇARA, Leonardo; SILVA, Álvaro Ferreira.; CASTRO, José Gerley Díaz; SANTOS, Gessi de Carvalho Araújo. Common psychiatric symptoms among public school teachers in Palmas, Tocantins, Brazil. An observational cross-sectional study. *São Paulo Medical Journal*, São Paulo, SP, v. 133, n. 5, p. 435-438, 2015. DOI: 10.1590/1516-3180.2014.8242810
- BARROS, Marilisa B. A.; LIMA, Margareth G.; MALTA, Deborah C.; SZWARCOWALD, Célia L.; AZEVEDO, Renata C. S.; ROMERO, Dalia; SOUZA JÚNIOR, Paulo R. B.; AZEVEDO, Luis O.; MACHADO, Ísis E.; DAMACENA, Giseli N.; GOMES, Crizian S.; WERNECK, André O.; SILVA, Danilo R. P.; PINA, Maria de Fátima; GRACIE, Renata. (2020). Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, DF, v. 29, n. 4, 2020. DOI: 10.1590/s1679-49742020000400018
- CARRARO, Maria Marília. **Condições de trabalho e transtornos mentais comuns em professores da rede básica municipal de ensino de Bauru-SP**. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) –Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, SP, 2015.
- CASTAMAN, Ana Sara; RODRIGUES, Ricardo Antonio. Distance Education in the COVID crisis-19: an experience report. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 6, p. 180963699, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i6.3699
- CEBALLOS, Albanita Gomes da Costa de; SANTOS, Gustavo Barreto. Fatores associados à dor musculoesquelética em professores: aspectos sociodemográficos, saúde geral e bem-estar no trabalho. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, SP, v. 18, p. 702-715, 2015. DOI: 10.1590/1980-5497201500030015
- ÇELİK, İlhami; SAATCI, Esmâ; EYÜBOĞLU, Ayşegül Füsün. Emerging and reemerging respiratory viral infections up to Covid-19. *Turkish Journal of Medical Sciences*, v. 50, n. SI-1, p. 557-562, 2020. DOI:10.3906/sag-2004-126
- CODO, Wanderley. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COSTA, Ludmila da Silva Tavares. **Avaliação da síndrome de Burnout em professores universitários de Piracicaba-SP**. 2014. 84f.

Tese (Doutorado em Odontologia) – Faculdade de Odontologia, Universidade Estadual de Campinas, Piracicaba, SP, 2014.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Artmed Editora, 2018.

DEFFAVERI, Maiko; MÉA, Cristina Pilla Della; FERREIRA, Vinícius Renato Thomé. Sintomas de ansiedade e estresse em professores de educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 50, n. 177, p. 813-827, 2020. DOI: 10.1590/198053146952

ELIAS, Marisa Aparecida. **Equilibristas na corda bamba: o trabalho e a saúde de docentes do ensino superior privado em Uberlândia/MG**. 2014. 181f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil. 2014.

FENG, Shuo; SHEN, Chen; XIA, Nan; SONG, Wei; FAN, Mengzhen; COWLING, Benjamin J. Rational use of face masks in the COVID-19 pandemic. **The Lancet Respiratory Medicine**, v. 8, n. 5, p. 434-436, 2020. DOI: 10.1016/S2213-2600(20)30134-X

FERREIRA, Raquel Conceição; SILVEIRA, Alessandra Pastore da; SÁ, Maria Aparecida Barbosa; FERES, Sara de Barros Lima; SOUZA, João Gabriel Silva; MARTINS, Andréa Maria Eleutério de Barros Lima. Transtorno mental e estressores no trabalho entre professores universitários da área da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, RJ, v. 13, p. 135-155, 2015. DOI: 10.1590/1981-7746-sip00042

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino; PEDRO-SILVA, Nelson. Ansiedade e depressão: o mundo da prática docente e o adoecimento psíquico. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v.

23, n. 4, p. 357-368, 2018. DOI: 10.22491/1678-4669.20180034

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino; PEDRO-SILVA, Nelson. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 30, 2019. DOI: 10.1590/1980-6248-2016-0143

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 22, p. 2679-2691, 2006. DOI: 10.1590/S0102-311X2006001200017

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GIAMMEI, Bia; POLLO, Luiza. Por que nossos professores estão adoecendo? **R7 Estúdio**, 14 de outubro, 2019. Disponível em: <https://estudio.r7.com/por-que-nossos-professores-estao-adoecendo-15102019>. Acesso em: 05 jul., 2020.

GIORDANO, Giulia; BLANCHINI, Franco; BRUNO, Raffaele; COLANERI, Patrizio; DI FILIPPO, Alessandro; DI MATTEO, Angelo; COLANERI, Marta. Modelling the COVID-19 epidemic and implementation of population-wide interventions in Italy. **Nature Medicine**, v. 26, p. 855–860, 2020. DOI: 10.1038/s41591-020-0883-7

GOMES, Sandra Monteiro. **Sofrimento mental e satisfação no trabalho em professores de unidades prisionais em Porto Velho**. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GRANJO, Manuel; PEIXOTO, Francisco. Contributo para o estudo da Escala de Valores Humanos de Schwartz em

professores. **Laboratório de Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 3-17, 2013. DOI: 10.14417/lp.699

HORWELL, Claire J.; MCDONALD, Fiona. Coronavirus: why you need to wear a face mask in France, but not in the UK. In: **Conversation**. The Conversation Media Group, 2020.

INOCENTE, Nancy Julieta. **Síndrome de Burnout em professores universitários do Vale do Paraíba (SP)**. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. 2005.

JACARANDÁ, Elza Maria de Freitas. **Sofrimento mental e satisfação no trabalho: um estudo com professores das escolas inclusivas estaduais de ensino fundamental em Porto Velho, Rondônia**. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

JIA, Jayson S.; LU, Xin; YUAN, Yun; XU, Ge; JIA, Jianmin; CHRISTAKIS, Nicholas A. Population flow drives spatio-temporal distribution of COVID-19 in China. **Nature**, p. 1-5, 2020. DOI: 10.1038/s41586-020-2284-y

KRAEMER, Moritz U. G.; YANG, Chia-Hung; GUTIERREZ, Bernardo; WU, Chieh-Hsi.; KLEIN, Brennan; PIGOTT, David M.; OPEN COVID-19 DATA WORKING GROUP; DU PLESSIS, Louis; FARIA, Nuno R.; LI, Ruoran; HANAGE, William P.; BROWNSTEIN, John S.; LAYAN, Maylis; VESPIGNANI, Alessandro; TIAN, Huaiyu; DYE, Christopher; PYBUS, Oliver G.; SCARPINO, Samuel V. The effect of human mobility and control measures on the COVID-19 epidemic in China. **Science**, v. 368, n. 6490, p. 493-497, 2020. DOI: 10.1126/science.abb4218

LAURELL, Asa Cristina; NORIEGA, Mariano. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

LEWNARD, Joseph A.; LO, Nathan C. Scientific and ethical basis for social-distancing interventions against COVID-19. **The Lancet. Infectious diseases**, v. 20, n. 6, p. 631, 2020. DOI: 10.1016/S1473-3099(20)30190-0

MARQUES, Luciana Fernandes; SARRIERA, Jorge Castellá; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adaptação e validação da Escala de Bem-estar Espiritual (EBE): Adaptation and validation of Spiritual Well-Being Scale (SWS). **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 8, n. 2, p. 179-186, 2009.

MATRAJT, Laura; LEUNG, Tiffany. Evaluating the effectiveness of social distancing interventions to delay or flatten the epidemic curve of coronavirus disease. **Emerging Infectious Diseases**, v. 26, n. 8, p. 1740, 2020. DOI: 10.3201/eid2608.201093

MOREIRA, Wanderson Carneiro; SOUSA, Anderson Reis de; NÓBREGA, Maria do Perpétuo Socorro de Sousa. Adoecimento mental na população geral e em profissionais de saúde durante a COVID-19: scoping review. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, SC, v. 29, e20200215, 2020. DOI: 10.1590/1980-265x-tce-2020-0215

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Educação: da interrupção à recuperação**, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 05 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO- OIT. **A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores**. Genebra: OIT/Unesco, 1984.

ORNELL, Felipe; SCHUCH, Jaqueline B.; SORDI, Anne O.; KESSLER, Felix Henrique Paim.

"Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, SP, v. 42, n. 3, p. 232-235, 2020. DOI: 10.1590/1516-4446-2020-0008

PAPARELLI, Renata. **Desgaste mental do professor da rede pública de ensino: trabalho sem sentido sob a política de regularização de fluxo escolar**. 2009. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEERI, Noah C.; SHRESTHA, Nistha; RAHMAN, Siddikur M; ZAKI, Rafdzah; TAN, Zhengqi; BIBI, Saana; BAGHBANZADEH, Mahdi; AGHAMOHAMMADI, Nasrin; ZHANG, Wenyi; HAQUE, Ubydul. The SARS, MERS and novel coronavirus (COVID-19) epidemics, the newest and biggest global health threats: what lessons have we learned?. **International Journal of Epidemiology**, 2020. DOI: 10.1093/ije/dyaa033

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves; SILVA, Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de Oliveira. Psychic Health in Times of Corona Virus. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e11973602, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.3602.

REIS, Eduardo José Farias Borges dos; CARVALHO, Fernando Martins; ARAÚJO, Tânia Maria de; PORTO, Lauro Antônio; SILVANY NETO, Annibal Muniz. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 21, p. 1480-1490, 2005. DOI: 10.1590/S0102-311X2005000500021

SCHMIDT, Beatriz; CREPALDI, Maria Aparecida; BOLZE, Simone D. A.; NEIVA-SILVA, Lucas; DEMENECH, Lauro M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v.

37, 2020. DOI: 10.1590/1982-0275202037e200063.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SHOJAEI, SeyedehFahimeh; MASOUMI, Roya. The importance of mental health training for psychologists in COVID-19 outbreak. **Middle East Journal of Rehabilitation and Health Studies**, v. 7, n. 2, 2020. DOI: 10.5812/mejrh.102846.

SILVA, Delmira Santos da Conceição; SANTOS, Marília Barbosa dos; SOARES, Maria José Nascimento. Impactos causados pela COVID-19: um estudo preliminar. **Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. L.], v. 15, n. 4, p. 128-147, 2020. DOI: 10.34024/revbea.2020.v15.10722

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **Sennett & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SILVA, Eduardo Pinto e. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, SP, v. 17, n. 1, p. 61-71, jan./abr. 2015. DOI: 10.15348/1980-6906/psicologia.v17n1p61-71

SIMPLÍCIO, Sandra Dias; ANDRADE, Márcia Siqueira de. Compreendendo a questão da saúde dos professores da Rede Pública Municipal de São Paulo. **Psico**, Porto Alegre, RS, v. 42, n. 2, p. 159-167, 2011.

SOUZA, Carla L.; CARVALHO, Fernando M.; ARAÚJO, Tânia M.; REIS, Eduardo J. F. B.; LIMA, Verônica M. C.; PORTO, Lauro A. Fatores associados a patologias de pregas vocais em professores. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, SP, v. 45, p. 914-921, 2011. DOI: 10.1590/S0034-89102011005000055

SOUZA, José Carlos; COSTA, Domingos Sávio da. Qualidade de vida de uma amostra de profissionais de educação física. **Jornal**

Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, RJ, v. 60, n. 1, p. 23-27, 2011. DOI: 10.1590/S0047-20852011000100005

TAUBENBERGER, Jeffery K.; MORENS, David M. 1918 Influenza: the mother of all pandemics. **Emerging Infectious Diseases**, v. 12, n. 1, 2006. DOI: 10.3201/eid1201.050979

TIBÚRCIO, Adilson; MORENO, Cláudia R. C. Síndrome de Burnout em professores do ensino médio de escolas pertencentes à gerência regional de educação e inovação (GEREI) do município de Tubarão (SC).

INTERFACEHS-Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, v. 4, n. 1, 2009.

VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro do. **Estresse e distúrbios do sono no desempenho de professores: saúde mental no trabalho**. 2011. 208f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 2011.

VICENTE, Damares. Desgaste mental de assistentes sociais: um estudo na área da habitação. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, SP, v. 123, n. 1, p. 562-581, 2015. DOI: 10.1590/0101-6628.037

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

VIGNOLA, Rose Claudia Batisatelli; TUCCI, Adriana Marcassa. Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese. **Journal of Affective Disorder**, v. 155, p. 104-109, 2014. DOI: 10.1016/j.jad.2013.10.031

WANG, Cuiyan; PAN, Riyu; WAN, Xiaoyang; TAN, Yilin; XU, Linkang; HO, Cyrus S.; HO, Roger C. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. **International Journal of**

Environmental Research and Public Health, v. 17, n. 5, p. 1729, 2020. DOI: 10.3390/ijerph17051729

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard**, 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **WHO Coronavirus disease 2019 (COVID -19) Advice for the Public**, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>. Acesso em: 04 jun. 2021.

WU, Chaomin; CHEN, Xiaoyan; CAI, Yanping; Xia, Jia'an; Zhou, Xing; XU, Sha; HUANG, Hanping; ZHANG, Li; ZHOU, Xia; DU, Chunling; ZHANG, Yuye; SONG, Juan; WANG, Sijiao; CHAO, Yencheng; YANG, Zeyong; XU, Jie; ZHOU, Xin; CHEN, Dechang; XIONG, Weining; XU, Lei; ZHOU, Feng; JIANG, Jinjun; BAI, Chunxue; ZHENG, Junhua; SONG, Yuanlin. Risk factors associated with acute respiratory distress syndrome and death in patients with coronavirus disease 2019 pneumonia in Wuhan, China. **JAMA internal medicine**, 2020. DOI: 10.1001/jamainternmed.2020.0994

WU, Joseph T; LEUNG, Kathy; BUSHMAN, Mary; KISHORE, Nishant; NIEHUS, Rene; SALAZAR, Pablo M. de; COWLING, Benjamin J.; LIPSITCH, Marc; LEUNG, Gabriel M. Estimating clinical severity of COVID-19 from the transmission dynamics in Wuhan, China. **Nature Medicine**, v. 26, n. 4, p. 506-510, 2020. DOI: 10.1038/s41591-020-0822-7